

## UMA BREVE INCURSÃO AO PENSAMENTO MILITAR DE MAO ZEDONG (1893-1976)\*



*“Sem um Exército popular o povo nada tem.”<sup>1</sup>*

*“A criação do Exército Popular é devida inteiramente ao génio da ideologia política Marxista-Leninista do Secretário Mao bem como ao seu pensamento estratégico”.<sup>2</sup>*

*Manuel Alexandre Garrinhas Carriço*<sup>3</sup>  
*Major de Infantaria*

O isolamento de Mao Zedong no interior da China em resultado da pressão militar do Kuomintang, levou a que o seu pensamento militar não fosse particularmente influenciado por pensadores militares estrangeiros. No entanto, este teve como referência a ideologia Marxista e o materialismo dialéctico como um método analítico capaz de desenvolver a sua estratégia e tática militar, colocando-as em sintonia com os factores económicos, sociais e políticos da época.

Mao acreditava que cada período histórico tinha características peculiares, onde as leis da guerra correspondentes a cada um, não poderiam ser aplicadas mecanicamente a outros períodos. Assim, tanto a estratégia, como a tática eram encaradas por si de uma forma flexível de acordo com a análise que fazia das situações com que se confrontava.

Em termos pessoais, as influências resultantes de ter trabalhado directamente com dois dos fundadores do PCC, Chen Duxiu e Li Dazhao, marcaram profundamente o seu pensamento político e militar. A leitura dos preceitos anarquistas de Proudhon foi colocada em prática na organização levada a cabo por si de protestos contra os senhores da guerra, e na investigação do movimento e organização de camponeses

---

\* Este artigo é uma versão resumida de um capítulo de um livro a ser publicado brevemente pelo autor sobre a política e a estratégia de defesa territorial da República Popular da China entre 1949 e 2005. O autor agradece a cuidada revisão do texto feita pelo Tenente-Coronel Mendes Dias.

<sup>1</sup> Mao Zedong; (1945); “Sobre o Governo de Coligação” (24 de Abril); Obras Escolhidas, Vol. III; pp. 296-297. <http://www.marxist.org/reference/archive/mao/works/collected-works/index.htm>.

<sup>2</sup> Chen Yi citado em Samuel B. Griffith II; (1967); *The Chinese People’s Liberation Army*; New York, McGraw Hill; pg. 235.

<sup>3</sup> Docente na Academia Militar das disciplinas de Relações Internacionais e História Militar II. Membro efectivo do CINAMIL – Centro de Investigação da Academia Militar.

em Hunan. A sua actividade política revolucionária foi no entanto fortalecida por um genuíno sentimento nacionalista oriundo, primariamente, das manifestações estudantis do Movimento de 4 de Maio de 1919, à qual não foi alheia a obra *Palavras de Aviso Numa Era de Prosperidade*, escrita no início do século vinte e que apelava a uma filtragem das influências ocidentais por parte da civilização chinesa <sup>4</sup>.

No plano da literatura clássica chinesa, as obras *Romance dos Três Reinos* (*Sanguo Yanyi*) e *Na Margem do Rio* (*Shuihu Zhuan*) marcaram a formulação da sua conceitualização da estratégia militar. O *Romance dos Três Reinos* é uma obra que interpreta a teoria militar clássica chinesa com o recurso frequente a expressões avançadas por Sun Zi, como *Qi* e *Zheng* (ofensiva e defensiva), *Xu* e *Shi* (avanço e recuo) aplicados dialecticamente às acções militares relatadas no livro, as quais eram temperadas por um elevado coeficiente de decepção do inimigo.

Já a obra *Na Margem do Rio* <sup>5</sup>, ainda que tenha sido a preferida de Mao, em termos estratégicos não foi tão importante quanto a anterior, o que não a impediu de ser citada frequentemente para ilustrar a validade das suas estratégias e tácticas, muito pela marca moral indelével que a sua leitura na adolescência lhe deixou, onde os justiceiros armados de Lin Chung combatiam o governo ditatorial e corrupto do Ministro Kao Chiu, durante a Dinastia Sung. A influência da história militar clássica chinesa foi também reconhecida por Mao quando declarou:

*“...A nossa tarefa deve basear-se no estudo da nossa herança histórica e no emprego do método Marxista na sua resenha crítica. A nossa História Nacional remonta a milhares de anos sendo as suas características e tesouros inumeráveis... A China contemporânea cresceu a partir do passado; somos Marxistas na nossa abordagem à História, mas não a devemos marginalizar. Devemos ser capazes de resumir a nossa História desde Confúcio a Sun Yat-sen prosseguindo com a sua herança... Só podemos colocar em prática o Marxismo quando este for integrado nas características próprias do nosso país e assumir uma forma própria.”* <sup>6</sup>

Ainda que passível de discussão, parece que aquilo que Mao Zedong herdou da filosofia militar clássica chinesa centrou-se em dois pontos: a ênfase no factor humano e a guerra móvel e de guerrilha. O primeiro deu-lhe um ajustamento às realidades

---

<sup>4</sup> Ross Terrill; (1999); *Mao: A Biography*; Stanford, Stanford University Press; pg. 40.

<sup>5</sup> Rio Lian Shan-po. Foi feita uma adaptação para televisão, de produção japonesa e dobrada em inglês, que em Portugal foi exibida na década de oitenta e reexibida recentemente sob o título de *Lin Chung, o Justiceiro*.

<sup>6</sup> Mao Zedong; (1975); *Selected Works of Mao Zedong*, Vol. I; Beijing, Foreign Language Press; pg. 209.

sócio-económicas da China mas também uma sustentação teórica capaz de justificar a mobilização política das massas populares, segundo o preceituado na Guerra Popular. O segundo não esconde a influência filosófica de Sun Zi e da sua *Arte da Guerra (Bing Fa)*, especialmente na preferência pela aplicação de acções de decepção, através do recurso a expressões como “criar incidentes a Este para atacar a Oeste”, “aparecer agora a Sul e mais tarde surgir a Norte”, típicas do período dos Estados Combatentes.

A influência soviética também marcou Mao. Este partilhou com os líderes soviéticos uma pobreza militar na década de vinte, que foi compensada por uma fortíssima componente doutrinária tanto ideológica como revolucionária. Como eles, estava inicialmente determinado a substituir a fé política e o espírito militar das forças armadas, pela maximização do poder militar na sua componente material. Mas as diferentes experiências, capacidades militares, e responsabilidades políticas trouxeram doutrinas militares divergentes.

A inicial fé soviética no controlo do Partido Comunista sobre os militares, a sua estratégia unificada, a guerra de atrição, a retirada estratégica e a defesa-ofensiva, a soma do número de baionetas como factor de decisão operacional (quantidade em detrimento da qualidade), a segurança interna, o teatro de guerra europeu, e o poder da ideologia, foram dando lugar - fruto da ascensão de uma nova geração de líderes militares e à aquisição de armamento moderno - a uma estratégia integral e a um profissionalismo militar onde a veneração do poder de fogo, da ofensiva-defensiva, da crença numa guerra rápida e decisiva<sup>7</sup>, onde não havia lugar para a ideologia política e os estratagemas.

Mas Mao, após alguns ziguezagues ideológicos e conceituais iniciais, manteve o rumo inicialmente traçado<sup>8</sup>. As suas influências Marxistas são notórias ainda que não demasiadamente vincadas, estando patentes em afirmações como:

*“As revoluções e as guerras revolucionárias são inevitáveis numa sociedade de classes, e sem estas é impossível alcançar qualquer desenvolvimento social e derrubar as classes reaccionárias governantes sendo impossível ao povo conquistar o poder.”*<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> Possivelmente na Europa e iniciada, senão concluída, com bombas nucleares.

<sup>8</sup> Os seus primeiros escritos de finais da década de vinte, e que catalogou de “velhos princípios”, pautavam-se pela subordinação à chamada “linha da regularização militar”, à luz da qual a China tinha de combater o seu inimigo para além das suas fronteiras, não abdicando de território e enfatizando os ataques preemptivos. Tudo apoiado num comando militar centralizado e num sistema de apoio logístico consentâneo com tais objectivos.

<sup>9</sup> Mao Zedong; (1937); “Sobre as Contradições”; *Obras Escolhidas*, Vol I; pg. 344. <http://www.marxist.org/reference/archive/mao/works/collected-works/index.htm>.

“A conquista do poder pela força armada, a resolução de problemas através da guerra, é a tarefa central e a forma mais elevada da revolução. Este princípio revolucionário Marxista-Leninista é válido universalmente, tanto para a China como para os restantes países”<sup>10</sup>.

Como filósofo Marxista Mao Zedong foi medíocre, não tendo feito qualquer contribuição significativa em termos de teoria pura. A sua atenção focou-se essencialmente em aspectos práticos conectados com a luta de classes <sup>11</sup>. A influência Marxista centrou-se ao nível do método operativo, através do materialismo dialéctico colocado na discussão dos temas, como uma leitura dos seus ensaios *Problemas de Estratégia na Guerra Revolucionária da China*, *Problemas de Estratégia na Guerra de Guerrilha Contra o Japão*, *Sobre a Guerra de Atrição*, e *Problemas da Guerra e da Estratégia* deixa perfeitamente patente <sup>12</sup>. Mao focou a sua atenção mais nas contradições, do que na universalidade das leis militares, e as suas formulações estratégicas foram baías que visaram delimitar a direcção da estratégia revolucionária, e alertar para os erros passíveis de serem cometidos se alguns dos seus princípios não fossem seguidos.

Os seus escritos filosóficos debruçaram-se sobre a análise da dialéctica dos opostos aplicada, tanto ao sistema político internacional, como à estratégia militar, numa adaptação do conceito filosófico clássico chinês de Yin e de Yang, especialmente patente no que respeita à guerra de guerrilha, onde a sua conceitualização face à evolução desta guerrilha para um Exército Regular, diferia dramaticamente do avançado tanto por Marx como por Lenine.

Para Mao, a estrutura de forças e o respectivo emprego fazia apelo a três tipos de forças: forças principais, regionais, e milícias. As forças principais e as regionais podiam ser encaradas como unidades regulares do Exército Popular. As milícias eram - e ainda o são - soldados em part-time (ou a guerrilha) <sup>13</sup>. Eram treinadas

---

<sup>10</sup> Mao Zedong; (1938); “Problemas sobre a Guerra e a Estratégia” (6 de Novembro); *Obras Escolhidas*, Vol II; pg. 219. Discurso de Mao Zedong aquando Encontro Mundial dos Partidos Comunistas em Moscovo em 8 de Novembro de 1957. <http://www.marxist.org/reference/archive/mao/works/collected-works/index.htm>.

<sup>11</sup> Stuart Schram; (1969); *The Political Thought of Mao Tse-tung*; New York, Praeger; pg. 169.

<sup>12</sup> Estas obras podem ser consultadas em <http://www.marxist.org/reference/archive/mao/works/collected-works/index.htm>.

<sup>13</sup> As milícias populares tinham dois tipos de missões: estáticas e dinâmicas abrangendo as esferas políticas, económicas e militares. Como missões estáticas nas respectivas esferas tinham a manutenção da Lei e da Ordem, serem a maior força produtiva, e funcionarem como forças em reserva. Como missões dinâmicas nas mesmas esferas, tinham a educação política da população, funcionando como força produtiva de “choque”, e efectuarem operações militares de guerrilha e de contra-guerrilha. Veja-se Chen-Ya Tien; (1982); *The Mass Militia System and Chinese Modernization*; Montmagny, Quebec, Mosaic Press; pp. 82-124, especialmente o quadro da página 84.

e dirigidas pelas forças regionais. A principal diferença entre estas forças era que, enquanto as forças regionais e as milícias operavam num contexto exclusivamente local, as forças principais não detinham uma área de operações definida, podendo actuar em qualquer ponto do território chinês.

No campo puramente ideológico e segundo as teorias de Marx e Lenine, a guerra era o culminar do desenvolvimento das contradições sociais, as quais, de acordo com o materialismo dialéctico são omnipresentes. Para Lenine, a propriedade privada era a fonte da guerra, e a razão da luta entre diferentes grupos sócio-políticos pelo domínio do desenvolvimento humano. O *Ssu-ma Fa* ou *Métodos do Ministro da Guerra* definiu a guerra como um expediente através do qual se governa um país, quando os preceitos da benevolência governativa deixam de resultar <sup>14</sup>. Para Mao:

*“A guerra é a forma mais elevada na luta para resolver as contradições, quando estas se desenvolvem até um determinado grau, entre classes, nações, Estados, ou grupos políticos, tendo estas sempre existido desde que foi criada a propriedade privada e as classes sociais”*<sup>15</sup>.

Mas enquanto Lenine via a guerra como “política com derramamento de sangue” e a política como “guerra sem derramamento de sangue”, onde a paz não era mais do que os preparativos para uma nova guerra, segundo um contexto integral; Mao Zedong viu a guerra como fazendo parte da vida política acreditando, na melhor tradição milenar chinesa que aqueles que governassem teriam, não apenas de estudar, como deter conhecimentos capazes de a conduzirem com sucesso.

Na sua perspectiva, as guerras podiam ser justas e injustas, segundo a categorização clássica de Sun Zi. O PCC apoiava as guerras justas, desde que estas fossem guerras revolucionárias destinadas a libertar as massas contra o poder opressor do Estado ou do imperialismo, que via como órgãos de manipulação das classes, onde uma pretende sobrepor-se às restantes. Na categorização de Mao, as guerras justas eram as guerras de classes e as guerras nacionais revolucionárias, sendo injustas as guerras contra-revolucionárias. Para ele, “a salvação da humanidade estava no empunhar da bandeira da guerra justa” <sup>16</sup>. Dentro destas, as guerras de

<sup>14</sup> Ralph D. Sawyer; (1993); *The Seven Military Classics of Ancient China*; Boulder, Westview Press; pp. 126-130.

<sup>15</sup> Mao Zedong; (1936); “Problemas da Estratégia na Guerra Revolucionária da China” (Dezembro de 1936); *Obras Escolhidas*, Vol I; pg. 180. <http://www.marxist.org/reference/archive/mao/works/collected-works/index.htm>.

<sup>16</sup> Samuel B. Griffith II; (1967); *Op. Cit.*; pg. 241.

classes revolucionárias e contra-revolucionárias eram guerras civis e as guerras revolucionárias e contra-revolucionárias nacionais eram conflitos interestatais <sup>17</sup>.

*“A história demonstra que as guerras podem ser de dois tipos, justas e injustas. Todas as guerras que são progressistas são justas, e todas as guerras que impedem o progresso são injustas. Nós comunistas opomos-nos a todas as guerras injustas que impedem o progresso, mas não nos opomos a guerras progressistas ou guerras justas. Não apenas não nos opomos às guerras justas, como participamos activamente nelas. Quanto às guerras injustas, como a Primeira Guerra Mundial, na qual ambas as partes combateram por interesses imperialistas, os comunistas a elas se opõem. A forma de nos opormos a guerras deste tipo é opormos guerras injustas às guerras justas sempre que possível”* <sup>18</sup>.

Ainda na lógica conceitual da guerra, Mao ao contrário de Lenine, não via a necessidade de eliminação da burguesia como um primeiro passo para extirpar a guerra da existência humana, em prol da instauração do socialismo. O seu objectivo centrava-se no Estado. Não obstante, e ironicamente, Lenine, mas especialmente Mao, tenderam a subalternizar o poder desse mesmo Estado que queriam combater, pois o seu poder no formato socialista viria a ser substancialmente superior se comparado ao formato capitalista.

Mao Zedong via a guerra sob um prisma eminentemente científico que não artístico, com os seus instrumentos da estratégia, das campanhas e das táticas a visarem a aplicação das leis da guerra que definiu como “todas as leis e teorias militares que resultam da experiência acumulada das guerras passadas, sistematizadas pelos historiadores e estrategistas militares, sendo o reflexo de realidades objectivas... a partir da quais quem quiser assumir a direcção da guerra as deve estudar e resolver” <sup>19</sup>.

Sobre esta temática Mao afastou-se deliberadamente do elaborado por Sun Zi, o qual conferia um carácter artístico à direcção da guerra, cujo sucesso das opções assumidas só poderia ser comprovado através do contacto directo com o inimigo <sup>20</sup>. Reforçadamente, para o líder chinês, as leis da guerra, em geral, não tinham uma correlação dependente com a leis das guerras revolucionárias, mais especificamente

---

<sup>17</sup> *Idem*; pg. 181.

<sup>18</sup> Mao Zedong; (1938); “Sobre a Guerra de Atrição”; *Obras Escolhidas*, <http://www.marxist.org/reference/archive/mao/works/collected-works/index.htm>.

<sup>19</sup> Samuel B. Griffith II; (1967); *Op. Cit.*; pg. 184.

<sup>20</sup> Curiosamente o caractere *Fa* pode ser combinado com o caractere *Xin* reflectindo a sagacidade de um líder militar na condução das campanhas (*Xin Fa*).

com a que decorria na China, pelo que a adopção indiscriminada de doutrinas e conceitos militares estrangeiros não faziam sentido, naquilo que definiu ilustrativamente como “cortar os dedos dos pés para que estes pudessem caber nos sapatos”, sendo o caminho mais célere para uma derrota <sup>21</sup>.

Segundo Mao, a diferentes circunstâncias adaptavam-se diferentes leis da guerra, pelo que este fundamento era a pedra de toque do seu pensamento militar, o que lhe conferiu um carácter incrementalista, flexível e dinâmico. Este excepcionalismo estratégico permitiu-lhe encontrar uma fórmula capaz de fundir a acção militar com ingredientes políticos, económicos, sociais, culturais, e psicológicos os quais produziram um modelo com uma elevada apelatividade e especial dinamismo. Torna-se assim compreensível que o Almirante J. C. Wylie na sua obra *Estratégia Militar: Uma Teoria Geral do Controlo do Poder* tenha classificado as teorias militares de Mao como uma das quatro grandes teorias militares do mundo moderno <sup>22</sup>.

Sobre a relação entre a política e a guerra, mais concretamente da adequação da teoria à prática, Mao pode-se definir como um híbrido Clausewitziano e Jominiano. Se para Clausewitz a distância entre a teoria e prática podia ser encurtada aproximando a linguagem, a lógica operacional da teoria; para Jomini o reconhecimento da existência de uma distância entre as duas era essencial para o desenvolvimento do seu pensamento. Ao invés de Clausewitz, Jomini delegava no comandante militar a responsabilidade em adequar a teoria à prática.

Mao aproxima-se de Clausewitz quando pretende unir a teoria à prática e revela uma preocupação similar à de Jomini quando na aplicação prática da teoria. A sua atenção prende-se no factor da imprescindibilidade do comandante em aglutinar conhecimento, intelecto, paixão e disciplina (aquilo que Jomini designa por génio e que Clausewitz descreve como capacidade profissional do comandante) como condição *sine qua non* à implementação com sucesso da sua teoria estratégica. A diferença era que aqui o génio era o próprio Mao <sup>23</sup>.

*“A guerra é a continuação da política. Neste sentido a guerra é política e a guerra em si é uma acção política; desde os tempos antigos que nunca houve uma guerra que não tivesse objectivos políticos... Mas*

<sup>21</sup> Mao Zedong; (1975); *Op. Cit.*; pg. 180. Para Mao nem os manuais militares soviéticos poderiam resultar perante a inclusiva realidade revolucionária chinesa.

<sup>22</sup> J. C. Wylie; (1966); *Military Strategy: A General Theory of Power Control*; New Jersey, Rutgers University Press; pg. 38.

<sup>23</sup> John Shy e Thomas W. Collier; (1986); “Revolutionary War” em Peter Paret (Ed), *Makers of Modern Strategy: From Machiavelli to the Nuclear Age*; Princeton, Princeton University Press; pg. 843.

*a guerra tem as suas características próprias as quais não podem ser equiparadas às da política em termos latos. A guerra é a continuação da política por outros meios. Quando a política se desenvolve para um estágio para além do qual não pode alcançar os seus objectivos pelos meios usuais, a guerra acontece de forma a afastar os obstáculos do caminho da política... Quando o obstáculo é removido e o objectivo político alcançado a guerra termina. Mas se o obstáculo não é completamente afastado, a guerra terá de continuar até que o objectivo definido seja alcançado... Pode-se então dizer que a política é a guerra sem derramamento de sangue enquanto que a guerra é política com derramamento de sangue”*<sup>24</sup>.

Mao não acreditava numa paz duradoura, num mundo de “Grande Igualdade e Harmonia” (*da tong*, ou sociedade ideal confucionista) afirmando que tal:

*“Faz parte do ser humano, e vagas de instabilidade têm de ser criadas neste estado de paz... Quando olhamos para a história, adoramos os tempos em que os dramas se sucedem... o que torna a sua leitura divertida. Quando lemos sobre períodos de paz e prosperidade, aborrecemo-nos... A natureza humana adora mudanças bruscas”*<sup>25</sup>.

E ainda:

*“Nós advogamos a abolição da guerra, não queremos guerras; mas a guerra só pode ser abolida através da guerra. Assim de forma a vermos livres das armas temos de pegar em armas”*<sup>26</sup>.

No que diz respeito às condições económicas, o “Grande Timoneiro” como Marxista assumido, reconhecia o facto que as condições materiais condicionavam o resultado de uma guerra. Assim, e a partir do seu trabalho de campo no estudo durante um mês dos movimentos de camponeses da província de Hunan, no distrito de Changsha em 1927, e da experiência traumática das sucessivas Campanhas de Cerco do KMT às forças resistentes comunistas, o líder chinês reconheceu a imperatividade de dinamizar um movimento de mobilização dos camponeses na

---

<sup>24</sup> Mao Zedong; (1938); “Sobre a Guerra de Atrição”; *Obras Escolhidas*, Vol. II; pp. 152-153. <http://www.marxist.org/reference/archive/mao/works/collected-works/index.htm>. Neste conceito, o génio de Mao elaborou uma variante semântica do definido por Clausewitz.

<sup>25</sup> Citado em Jung Chang e Jon Halliday; (2005); *Op. Cit.*; pg. 14.

<sup>26</sup> Mao Zedong; (1938); “Problemas da Estratégia”; *Obras Escolhidas*, Vol II; pg. 225. <http://www.marxist.org/reference/archive/mao/works/collected-works/index.htm>.

produção de cereais capazes não apenas de os sustentar, como também às tropas comunistas. Ao abrigo deste modelo designado por *Laowu Jiehe*, os camponeses-soldados combinariam missões militares com tarefas agrícolas, unificando ainda mais aquilo que via como a “quinta-essência” do Partido Comunista Chinês.

*“Temos um Exército tão bom para combater como para trabalhar. Para combater temos o Exército da Oitava Rota e o Novo Quarto Exército, mas mesmo estes fazem um trabalho dual de combate e de produção. Com estes dois tipos de Exércitos, e com um Exército de combate proficiente nestas duas tarefas e no trabalho [de doutrinação] das massas, podemos ultrapassar as nossas dificuldades e derrotar o imperialismo japonês”.*<sup>27</sup>

Esta política permitiria, não apenas resolver os problemas alimentares, como consolidar o poder comunista nas áreas onde foi implementado, após a cisão com o KMT, passando posteriormente para uma fase de cerco progressivo às grandes cidades efectuado a partir do interior rural. Aqui Mao marcou uma distinta diferenciação face ao pensamento militar Ocidental com a sua divisão rígida entre guerra e paz, e entre assuntos políticos e militares. Se para o líder chinês a mobilização das massas era uma tarefa primordialmente política que não militar, dedutivelmente a primazia da política sobre os militares era algo de inalienável pela mistura e interação que as duas esferas iriam ter no plano revolucionário e ideológico. Ao abrigo desta lógica proselitista, o Exército Vermelho<sup>28</sup> combateria não apenas por combater, mas também de forma a conduzir em paralelo acções de propaganda entre as massas populares, organizando-as, armando-as, e apoiando-as no estabelecimento de bases revolucionárias<sup>29</sup>.

*“O Exército Vermelho Chinês é um corpo armado para conduzir um conjunto de tarefas políticas da revolução. Especialmente no presente, o Exército Vermelho não se deve confinar apenas ao combate; para além de combater e destruir o poder militar do inimigo, deve partilhar tarefas importantes como a realização de acções de propaganda entre as massas, organização*

<sup>27</sup> Mao Zedong; (1949); “Organizem-se!” (29 de Novembro); *Obras Escolhidas*, Vol. III; pg. 153. <http://www.marxist.org/reference/archive/mao/works/collected-works/index.htm>.

<sup>28</sup> Designação inicial do Exército Popular de Libertação.

<sup>29</sup> Não deixa de ser relevante notar que em 1924, Mao não acreditava no potencial revolucionário dos camponeses, como o prova uma sua conversa com o representante soviético junto do PCC (Borodin). Este interesse só começa a surgir a partir de 1925 e por imposição de Moscovo. Ver Jung Chang e Jon Halliday; (2005); *Op. Cit.*; pp. 37-41. Comité do Partido Comunista Chinês de Hunan (Ed); (1993); *Mao Zedong zai Hubei* (Mao Zedong em Hubei); Beijing, Zhonggong dangshi chubanshe.

*das massas, armá-las, ajudá-las a estabelecerem um poder político revolucionário e organizações do Partido... Sem estes objectivos o combate perde o seu significado e o Exército Vermelho a sua razão de ser”*<sup>30</sup>.

O sucesso desta estratégia seria demonstrado pela dificuldade das forças nacionalistas de Chiang Kai-shek em aniquilarem os comunistas. Para o “Generalíssimo”, esta era uma dificuldade bem maior do que conduzir uma grande guerra, porque os comunistas combatiam no seu território e podiam obter da sua população aquilo que quisessem. Tal é comprovado por Mao:

*“No que concerne à Guerra Revolucionária como um todo, as operações dos guerrilheiros populares e das forças principais do Exército Vermelho devem-se complementar como o braço direito e esquerdo do homem. Se tivéssemos apenas as forças do Exército Vermelho sem as guerrilhas populares, seríamos como um combatente com apenas um braço. Em termos concretos, e no que concerne às operações militares, quando falamos com o povo nas áreas de base como um factor, queremos dizer que temos o povo em armas. Esta é a principal razão pela qual o inimigo tem receio em atacar as nossas áreas de base”*<sup>31</sup>.

Ilustrativamente, Mao escreveria:

*“Dentro de pouco tempo, as províncias centrais, do Sul e do Norte da China, milhões de camponeses rebelar-se-ão como um furacão, com uma força tão rápida e violenta que nenhum poder por maior que seja conseguirá detê-lo. Eles quebrarão as correntes que os prendem e os impedem de alcançar a libertação. Varrerão do mapa todos os imperialistas, senhores da guerra, governantes corruptos e tiranos locais. Todos os revolucionários serão postos à prova, havendo três alternativas. Marchar com eles na frente liderando-os? Seguir atrás deles, gesticulando e criticando? Ou opormo-nos a eles? Todo o chinês será livre de escolher, mas o rumo dos acontecimentos fará com que tenham de decidir rapidamente”*<sup>32</sup>.

<sup>30</sup> Mao Zedong; (1929); “Sobre o Corrigir de Ideias Erradas no Partido” (Dezembro de 1929); *Obras Escolhidas*, Vol. I; pg. 106. <http://www.marxist.org/reference/archive/mao/works/collected-works/index.htm>.

<sup>31</sup> Mao Zedong; (1936); “Problemas de Estratégia”, (Dezembro); *Obras Escolhidas*, Vol. I; pg. 238. <http://www.marxist.org/reference/archive/mao/works/collected-works/index.htm>. Aqui a noção de povo em armas é similar à noção de nação em armas, ainda que nesta fase Mao não liderasse a nação chinesa.

<sup>32</sup> Mao Zedong; (1975); *Op. Cit.*; pp. 23-24.

*“Se tentarmos passar à ofensiva quando as massas ainda não estiverem suficientemente despertas, tal será aventureirismo. Se insistirmos em liderar as massas a fazerem algo contra a sua vontade, iremos falhar certamente. Se não avançarmos quando as massas exigirem o nosso avanço, tal será um oportunismo de Direita”*<sup>33</sup>.

Para o líder chinês existiam cinco factores que favoreciam uma vitória comunista na China, que só seria obtida a médio/longo prazo:

- (1) o facto de a China ser um país subdesenvolvido economicamente, semi-colonial e sob o controlo indirecto imperialista;
- (2) a continuidade das guerras entre várias facções das elites governantes, o que dava espaço de sobrevivência, crescimento e de manobra ao Exército Vermelho;
- (3) o desenvolvimento crescente de um processo revolucionário de carácter nacional;
- (4) o desenvolvimento de um Exército Vermelho de dimensão adequada capaz de preservar uma base livre dos ataques das forças inimigas; e
- (5) a existência de uma organização partidária capaz de providenciar a liderança ao movimento revolucionários dos camponeses<sup>34</sup>.

Destes cinco factores os dois mais importantes eram as condições económicas e a força do Exército Vermelho, que numa fase inicial, devido à assimetria de meios humanos e materiais militares disponíveis face ao KMT, levaria Mao Zedong a apelar aos seus comandantes militares para que empregassem tácticas inovadoras, como forma de mitigarem este diferencial, onde a dispersão das forças de guerrilha aquando dos deslocamentos e a sua concentração em pontos decisivos e vulneráveis do dispositivo inimigo, deveriam ser deixadas à imaginação e criatividade dos comandantes<sup>35</sup>.

*“Inquestionavelmente, a vitória e a derrota na guerra é determinada pelas condições militares, políticas, económicas, e naturais de ambos os contendores. Mas estas não são suficientes. A guerra pode ser condicionada*

---

<sup>33</sup> Mao Zedong; (1948); “Uma Conversa com os Editores do Diário de Shansi-Suiyuan”, (2 de Abril); *Obras Escolhidas*, Vol. IV; pg. 243. <http://www.marxist.org/reference/archive/mao/works/collected-works/index.htm>.

<sup>34</sup> Mao Zedong; (1975); *Op. Cit.*; pp. 65-67.

<sup>35</sup> Algo de similar ao preconizado por T. E. Lawrence sobre a guerra irregular ao abrigo da qual “se dois homens estivessem juntos, um estava a ser sub-aproveitado”. T. E. Lawrence; (1989); *Os Sete Pilares da Sabedoria*; Mem Martins, Publicações Europa-América. Este linguagem militar este é o princípio da concentração de forças.

*pela capacidade subjectiva de cada uma das partes em conduzi-la. No seu esforço de condução da guerra, o militar não pode marginalizar as limitações impostas pelas condições materiais; dentro destas limitações, no entanto, ele não deve abdicar de tentar obter a vitória”*<sup>36</sup>.

No campo qualitativo, o processo inicial de mobilização das massas populares orientado pelo Exército Vermelho levou à divisão dos voluntários consoante a sua idade, capacidade física, doutrinação político e treino militar. Todos os camponeses foram organizados como pertencentes à Guarda Vermelha. Aqueles entre os 18 e os 23 anos de idade com melhor educação escolar eram inseridos nos “jovens pioneiros”; de entre estes, aqueles que se revelavam positivamente no treino militar passavam a fazer parte das “equipas modelo”. Os camponeses entre os 18 e os 40 anos que não tinham qualificações para fazerem parte dos Guardas Vermelhos, eram organizados sob equipas de limpeza, recreação, e produção agrícola.

No entanto, todos os elementos, independentemente do seu “grupo operacional” estavam armados com o que estava disponível (desde lanças e facas para os elementos não qualificados até às melhores armas de fogo para os Guardas Vermelhos). Mulheres, idosos e crianças assumiam os trabalhos agrícolas nas áreas sob controlo comunista, quando a maioria dos homens eram mobilizados para os combates contra o KMT<sup>37</sup>.

Foi implementado um sistema de recrutamento coercivo de três patamares, onde as massas armadas se situavam no primeiro e mais baixo. No segundo nível estavam os Guardas Vermelhos locais, cujas missões oscilavam entre o combate e o apoio à produção agrícola local. No terceiro e mais elevado patamar, estava o Exército Vermelho regular que era alimentado humanamente consoante as suas necessidades operacionais, pelos Guardas Vermelhos locais das áreas onde eram conduzidas as operações militares. Nas palavras de Mao, enquanto as três forças armadas cooperassem umas com as outras na condução da guerra, esta seria verdadeiramente uma *Guerra Popular*, a única capaz de derrotar o inimigo a nível nacional<sup>38</sup>. Concomitantemente, a vitória final poderia ser consumada através da maximização do factor humano.

Ainda que não enfatizando em excesso o poder do espírito como Chiang Kai-shek, Mao via na aplicação correcta das estratégias e táticas militares, uma forma de compensar a dimensão espiritual. As estratégias de guerra móvel e de guerrilha,

---

<sup>36</sup> Mao Zedong; (1975); *Op. Cit.*; pp. 190-191.

<sup>37</sup> Para uma descrição da brutalidade do mecanismo de mobilização e divisão do trabalho nas áreas das bases comunistas veja-se Jung Chang e Jon Halliday; (2005); *Op. Cit.*; pp. 109-114.

<sup>38</sup> Mao Zedong; (1975); *Op. Cit.*; pg. 217.

a concentração de forças superiores num determinado ponto, a ênfase nas operações nocturnas, os ataques surpresa, a mobilização e a distribuição de armas às massas populares, todas constituíam-se como forma de compensar a desvantagem material do Exército Vermelho, e materializavam a essência da *Guerra Popular*.

No mês de Dezembro de 1936, aquando da realização de uma série de seminários preparados para o Colégio do Exército Vermelho, Mao Zedong apresentou formalmente o conceito de *Guerra Popular* (que vinha a desenvolver havia alguns anos), como uma estratégia militar básica da qual emanavam princípios estratégicos, conceitos de operações, e uma organização destinados a materializar uma capacidade de resposta chinesa face às superiores potencialidades militares japonesas. Esta estratégia era essencialmente defensiva e possuía um forte cunho de mobilização política para combater um adversário tecnologicamente superior (o Kuomintang e os japoneses), alicerçando-se nos seguintes quinze princípios que enfatizavam uma dupla caracterização do seu pensamento filosófico - o primado da prática e a interdependência dialéctica dos opostos:

- (1) determinação correcta da orientação estratégica, evitando o aventureirismo em operações ofensivas e o conservadorismo nas defensivas, e oposição às retiradas não planeadas aquando das movimentações;
- (2) oposição à sublimação da guerrilha no Exército Vermelho, mas reconhecendo o carácter de guerrilha das suas operações;
- (3) oposição à implementação de campanhas de desgaste e atrito e da estratégia de decisão rápida, em prol da estratégia de uma guerra de atrito e de campanhas de rápida decisão;
- (4) oposição às linhas de combate fixas e às guerras de posição (*zhendizhan*)<sup>39</sup>, favorecendo linhas de combate fluidas e a guerra móvel (*iundongzhan*);
- (5) oposição ao combate com o objectivo de fazer recuar o inimigo, apoiando o combate de aniquilamento do mesmo;
- (6) oposição à estratégia de ataque com os “dois punhos” e em duas direcções ao mesmo tempo, e apoiar a estratégia de atacar com “um só punho” e numa só direcção;
- (7) oposição ao princípio de manter uma grande área de retaguarda, em prol de áreas mais reduzidas;
- (8) oposição ao comando centralizado, em prol de um relativamente des-centralizado;

---

<sup>39</sup> Com excepção na defesa de montanhas e de nós vitais de comunicações.

- (9) oposição à noção militarista de um Exército apolítico, reconhecendo que o Exército Vermelho é um organizador e propagador da revolução chinesa;
- (10) oposição a condutas típicas de banditismo, preservando uma estrita disciplina política;
- (11) oposição às condutas de tipo feudal, favorecendo a democracia dentro dos seus próprios limites e uma disciplina autoritário no Exército;
- (12) oposição a uma incorrecta e sectária política de faccionalização dos quadros;
- (13) oposição a uma política isolacionista, e afirmação de uma política de cativação de todos os possíveis aliados; e
- (14) oposição à manutenção do Exército Vermelho num estado de latência embrionária, lutando para que este evolua permanentemente <sup>40</sup>.

No plano exclusivamente operacional, Mao ilustra a dialéctica dos opostos aplicada a uma alteração do equilíbrio de forças de uma situação desvantajosa para si para uma de vantagem, da seguinte forma:

*“Um Exército que opere estrategicamente sob linhas interiores [foi o caso do EPL até 1947] padece de muitas desvantagens... Mas nas campanhas e nas batalhas podemos alterar esta situação. Podemos transformar uma campanha de cerco e supressão conduzida pelo inimigo, em pequenas campanhas de cerco e supressão... Podemos alterar a sua superioridade em campanhas e em batalhas. Podemos colocar o inimigo numa posição em que é forte estrategicamente mas fraco ao nível das campanhas e das batalhas [operacional e taticamente]. Isto é aquilo a que chamamos linha de operações exterior dentro de uma linha interior de operações, cerco e supressão dentro de cerco e supressão, bloqueio dentro de bloqueio, ofensiva dentro da defensiva, superioridade dentro da inferioridade, força dentro da fraqueza, vantagem dentro da desvantagem, e iniciativa dentro da inércia. A obtenção da vitória numa estratégia defensiva depende basicamente e nesta medida da concentração de forças... A nossa estratégia é combater com um contra dez, mas a nossa táctica é combater com dez contra um”<sup>41</sup>.*

Para poder enfrentar inimigos tecnológica e tecnicamente superiores, as forças comunistas teriam assim de treinar e efectuar uma guerra de retardamento (chijiuzhan) e atrição, dividindo as forças inimigas no plano operacional, enquanto se preparavam

---

<sup>40</sup> Para Mao, a aprendizagem da estratégia militar era um processo em constante ajustamento, transformando a “curva de aprendizagem” numa espiral indefinida de situação/plano/aplicação/nova situação/plano corrigido.

<sup>41</sup> Mao Zedong; (1975); *Op. Cit.*; pp. 235 e 237.

para a altura em que a assimetria entre os dois campos fosse substancialmente mitigada a nível estratégico.

Uma “lei da repetição” foi criada por si, a qual não conseguiria ser evitada até que o Exército Vermelho tivesse uma superioridade militar ante as forças nacionalistas de Chiang Kai-shek. No entanto a “questão principal”, na sua perspectiva, era a conservação de recursos até que surgisse uma oportunidade de aniquilar o inimigo. Decorrentemente surgia um outro problema, o factor tempo. Assumindo um ciclo estratégico de ataque inimigo, contra-ataque do Exército Vermelho, ataque do inimigo, e assim por diante, Mao procurou relacionar a questão do timing operacional necessário à suspensão de um contra-ataque, para se poder preparar para o ataque seguinte do inimigo, em nome da conservação do seu poder militar. Esta foi mais uma diferença marcante face à tradição militar Ocidental maximizada por Napoleão, segundo o qual uma vitória militar deveria ser alcançada o mais rapidamente possível, sendo a conquista ou a defesa do território um elemento central da condução da guerra <sup>42</sup>. Para Mao, e no contexto da guerra popular, espaço e tempo tinham um valor diverso.

Esta era assim uma estratégia nascida da necessidade e do reconhecimento tácito por parte de Mao, da brutalidade do prolongamento da guerra bem como das consequências que tal traria para a China, mas também do facto de que “o poder escorre da ponta das armas”.

As seis condições necessárias para uma vitória comunista eram assim:

- (1) a organização do Partido e do Exército sob uma frente unida sob a liderança do primeiro. Dentro do braço armado do Partido, às unidades de guerrilha competiria confinar o inimigo às cidades, participar nas colheitas, apoiar as unidades regulares do EPL, flagelar o inimigo, organizar uma frente de combate na retaguarda do inimigo, atacar depósitos de munições, interromper as comunicações e estabelecer novas bases de guerrilha. Às unidades regulares do EPL competiriam os reconhecimentos e os combates nas frentes de cerco não ocupadas pela guerrilha;
- (2) o apoio das massas populares, fazendo com que a guerrilha se pudesse movimentar como “peixe na água” <sup>43</sup>;

---

<sup>42</sup> John Shy e Thomas W. Collier; (1986); *Op. Cit.*; pg. 839.

<sup>43</sup> A mobilização popular capaz de criar uma envolvente hostil ao inimigo, implicava a criação de bases em áreas sob controlo comunista onde se desenrolaria o treino militar básico de todos os apoiantes de Mao. Veja-se Tony Saich; (1996); “Directive of the CC on Reforming and Training the Military (1 Julho de 1944)” em *The Rise to Power of the Chinese Communist Party*; Armonck, M.E. Sharpe; pp. 1207-1211.

- (3) a condução da Guerra Popular em países subdesenvolvidos;
- (4) a resistência perante uma intervenção estrangeira;
- (5) um ambiente de guerra convencional e de atraso tecnológico relativo; e
- (6) o emprego de estratégias de atrição.

O objectivo desta doutrina de *Guerra Popular* visava em primeiro lugar, garantir a segurança do país através do recurso a meios tradicionais de defesa territorial em que predominavam os factores psicológicos, geográficos e demográficos. Para Mao, o factor decisivo era o homem e não o material, pressupondo uma mobilização total da população para a guerra e o emprego de uma estratégia indirecta, baseada nas adaptações indirectas (e não publicamente reconhecidas por si) dos princípios militares clássicos de Sun Zi. Ainda que o “Grande Timoneiro” sempre tenha negado qualquer influência da obra *A Arte da Guerra*, uma leitura de *Problemas de Estratégia na Guerra Revolucionária Chinesa*, confirma o impacto apreciável do pensamento secular de Sun Zi, bem como de mecanismos de raciocínio típicos do jogo de *wei qi* (uma variante chinesa mais complexa do xadrez, também conhecida por *go*)<sup>44</sup>. A base do pensamento de Sun Zi apoiou-se em elementos filosóficos originários de Lao Zi e Zhuang Zi, os quais são considerados por muitos militares e estrategistas chineses como os fundadores da componente psicológica do seu pensamento militar. Este núcleo duro conceptual alicerça-se em três princípios:

- (1) a superioridade da mente sobre a matéria (*gingshen daiu uuzhi*);
- (2) a inteligência é mais poderosa do que as armas (*sixiang zhongiu bingqi*)<sup>45</sup>;
- e
- (3) a doutrina suplanta a força (*daoshu shengiu qiangquan*).

A aplicação do princípio da “Defesa Activa” pressupunha uma destrição entre

---

<sup>44</sup> O *wei qi* é o jogo favorito de muitos dos estrategistas e governantes chineses desde a Dinastia Han (206 A.C.- 8 D.C.) e caracteriza-se por uma dificuldade em distinguir jogadas ofensivas de defensivas, uma vez que o objectivo é cercar, e não atacar e destruir as peças do adversário (não existem áreas seguras tanto na frente como na retaguarda). O morfema *wei* significa cerco. Os princípios da iniciativa e da economia de forças são fulcrais para o desfecho do jogo. A vitória advém da impossibilidade do adversário em mover as suas peças por falta de espaço. A estratégia deste jogo tem em linha de consideração o somatório das repercussões de todos os combates tácticos no tabuleiro, o que contrasta com a noção Ocidental de optar por um confronto táctico decisivo capaz de poder vir a gerar uma vitória estratégica. Para mais informações sobre a lógica do *wei qi* veja-se por exemplo [http://www.cano.ac.uk/societies/cugos/tesuji/weiqi\\_chinese\\_culture.html](http://www.cano.ac.uk/societies/cugos/tesuji/weiqi_chinese_culture.html)

<sup>45</sup> Ainda que a tecnologia fosse importante, quem a empregava era o homem. A solução ideal era combinação sinérgica entre tecnologia e homem.

atrição estratégica e aniquilamento. Enquanto o seu conceito de retardamento ao nível estratégico destinava-se a desgastar o inimigo, ao nível operacional buscava a obtenção de uma resolução rápida dos combates destinados a aniquilarem-no. Ao contrário de Sun Zi, que argumentava que se devia dar a hipótese de fuga a um inimigo cercado, pois se não o fizesse as baixas do atacante seriam bastante pesadas em virtude de enfrentar um adversário desesperado, Mao Zedong via a aniquilação como essencial para enfraquecer mais rapidamente o adversário retirando a iniciativa às suas forças. Para assegurar a vitória em batalhas de aniquilação, a obtenção de uma força local temporariamente superior ao inimigo era primordial de forma a poder cercá-lo. No entanto se a aniquilação do inimigo pelo cerco não resultasse, o modelo estratégico Maoísta não apresentava outra solução senão o ataque frontal em “vagas humanas”.

*“A aniquilação do poder do inimigo é o nosso principal objectivo; não a conquista ou defesa de uma cidade... Em todas as batalhas, devemos concentrar uma força superior absoluta (duas, três, quatro e algumas vezes cinco ou seis vezes se comparada com o inimigo), cercá-lo completamente, atacar para o destruir sem lhe dar possibilidade de fuga... Nunca conduzir uma batalha para a qual não estejamos preparados, nunca combater sem ter a certeza de que venceremos...”<sup>46</sup>*

A mobilidade era a chave para uma vitória numa guerra estrategicamente defensiva, mas taticamente baseada em operações ofensivas e onde a vitória na primeira batalha era fundamental em prol da sobrevivência das forças comunistas no imenso teatro de operações que era a China.

*“O objecto da guerra é especificamente a ‘preservação nas nossas forças e a destruição do inimigo’ (destruir o inimigo significa desarmá-lo ou ‘privá-lo da capacidade em resistir’, e não significa a destruição física de todos os seus elementos). Na guerra antiga, a lança e o escudo eram usadas da seguinte forma: a lança para atacar e destruir o inimigo, e o escudo para defender dos ataques deste. O bombardeiro, a metralhadora, a artilharia e as armas químicas são desenvolvimentos da lança, enquanto que o abrigo anti-aéreo, o capacete, a fortificação em betão e as máscaras anti-gás[NBQ] são desenvolvimentos do escudo. O carro de combate é uma nova arma que combina as funções tanto*

---

<sup>46</sup> Mao Zedong; (1963); *Selected Military Writings*; Peking, Foreign Languages Press; pg. 347.

*da lança como do escudo. O ataque é a principal forma de destruir o inimigo, mas a defesa não pode ser marginalizada. No ataque o objectivo imediato é a destruição do inimigo, mas ao mesmo tempo preservar as nossas forças porque se o inimigo não for destruído por nós seremos destruídos por ele. Na defesa o objectivo imediato é a preservação das nossas forças, mas ao mesmo tempo é uma forma de suplementar o ataque ou de preparação para este. A retirada situa-se na categoria da defesa e é a continuação desta, enquanto que a perseguição é a continuação do ataque. Deve ser sublinhado que a destruição do inimigo é o objectivo principal da guerra, sendo a auto-preservação das forças secundária, porque só pela destruição no inimigo em larga escala é que poderemos sobreviver. Desta forma o ataque, como meio principal de destruir o inimigo, é prioritário, enquanto que a defesa, como forma suplementar de destruição deste e de preservação das nossas forças é secundária. Na guerra moderna o principal papel cabe à defesa que ocupa a maior fatia de tempo das operações, com o ataque a completar o remanescente. Mas se a guerra for encarada como um todo, então o ataque é primordial.*<sup>47</sup>

Esta dialéctica entre ofensiva e defensiva permitia a Mao Zedong visualizar e flexibilizar as oportunidades para as suas forças atacarem e retirarem, consoante a envolvente operacional do momento. Batalhas ofensivas móveis eram o referencial incontornável para a condução das batalhas de aniquilação. A guerra de posição poderia ser contemplada apenas e só, se as condições o permitissem, não devendo no entanto, serem prolongadas ou adoptadas como modelo de sistematização operacional do Exército Vermelho independente das situações estratégicas.

Com efeito os principais contra-ataques só se iniciariam quando o inimigo tivesse penetrado profundamente em território controlado pelo Partido Comunista ou mais tarde em território chinês (troca de espaço por tempo)<sup>48</sup>, com as suas tropas dispersas ao longo do território e com longas linhas de reabastecimento, possibilitando que os

---

<sup>47</sup> Mao Zedong; (1938); “Sobre a Guerra de Atrição”; *Obras Escolhidas*, Vol. II; pg. 156. <http://www.marxist.org/reference/archive/mao/works/collected-works/index.htm>.

Mao Zedong; (1963); *Selected Military Writings*; Peking, Foreign Languages Press; pp. 65-67.

<sup>48</sup> Neste ponto a importância da preservação e expansão de bases territoriais revolucionárias ou de resistência nacional ao invasor, assume uma importância vital que aproxima esta teorização dos preceitos de Jomini sobre a base de operações.

efectivos do EPL se envolvessem em combates próximos com o inimigo, fazendo valer a sua superioridade numérica (*ioudi shenru*), e culminando numa fase final - com o inimigo mais desgastado - num contra-ataque estratégico, particularizando uma semelhança estratégica ao multimilenário jogo do *wei qi*, como o explanado na “fórmula dos dezasseis caracteres” desenvolvida em Maio de 1928 por Mao:

*“Se o inimigo avança, nós recuamos; (Di jin, wo tui)  
se o inimigo pára, nós flagelamo-lo; (Ji jin, wo roa)  
se o inimigo se cansa, nós atacamos; (Di pi, wo da)  
se o inimigo retira, nós perseguimo-lo (Di tui, wo jui)”*<sup>49</sup>.

De facto esta não foi a única referência de Mao Zedong a este jogo. Por exemplo, em Maio de 1938 no seu ensaio sobre “Problemas da Estratégia na Guerra de Guerrilha contra o Japão”, Mao escreveu:

*“Existem assim duas formas de cerco por parte das forças do inimigo e duas pelas nossas forças – tal como no jogo do wei qi. Campanhas e batalhas travadas por ambos os lados tendem a assemelhar-se à captura das peças, ao estabelecimento de pontos fortes da parte do inimigo e de bases de guerrilha da nossa parte são similares às jogadas com vista ao controlo do espaço no tabuleiro de jogo. É nesta perspectiva de controlo do espaço que o papel estratégico das bases de guerrilha na retaguarda do inimigo se revela como primordial.”*<sup>50</sup>

Dez anos mais tarde, após a publicação de Sobre a Guerra de Atrição, Mao empregou uma terminologia remanescente do *wei qi* no que se referiu à directiva final da campanha contra os nacionalistas no Norte da China, em finais de 1948, mais concretamente no capítulo intitulado “Conceito de Operações para a Campanha Peiping-Tientsin”:

*“Se estes dois pontos, Tangku (o mais importante) e Hsinpao-an, forem capturados, vocês terão a iniciativa em todo o tabuleiro de jogo”*<sup>51</sup>.

Nesta perspectiva, o jogo de *wei qi* pode explicar parcialmente algumas das estratégias empregues por Mao Zedong durante a Guerra Civil, pela sua

<sup>49</sup> Veja-se *From the Jinggangshan to the Establishment of the Jiangxi Soviets, July 1927-December 1930*; Vol. III; pp. 155-156 em *Mao's Road to Power: Revolutionary Writings 1912-1949*; (1992-1999); Stuart Schram (Ed); 5 volumes; Armonk, M.E. Sharpe.

<sup>50</sup> Mao Zedong; (1963); *Selected Military Writings*; Peking, Foreign Languages Press; pg. 132

<sup>51</sup> *Idem*; pg. 377. A expressão empregue foi (*zhuan chu zhien huole*) literalmente “a situação ficará viva” [fluida] uma expressão bizarra para um Ocidental, mas específica da terminologia do *wei qi*.

lógica dialéctica de ligações descontínuas, de concentração dispersa, de cerco, de contra-cerco, e de flexibilidade inflexível, funcionando como uma original base teórica de análise da dinâmica conflitual desta fase da história da China, como o demonstrou Scott Boorman<sup>52</sup>.

Pelo seu lado, Cai Xiaolian, um estrategista contemporâneo, dividiu a essência dos conceitos de *Guerra Popular* em duas partes: uma dizia respeito à direcção estratégica da guerra; a outra correspondente aos métodos e instrumentos aplicados na mesma. A primeira insere-se na grande estratégia e a segunda na estratégia militares<sup>53</sup>. Para este autor, a *Guerra Popular* como grande estratégia, não foi substancialmente alterada desde o período em que foi inicialmente conceitualizada por Mao nas províncias de Jiangxi e Hunan, mas as suas estratégias e tácticas foram-no, especialmente durante a Guerra Sino-Japonesa<sup>54</sup>.

A conceitualização científica de estratégia por parte de Mao levou-o a “considerá-la como o estudo das leis da guerra que a permitem conduzir como um todo, aquelas que se refiram a situações parciais caem no âmbito das campanhas e da táctica”<sup>55</sup>.

*“Onde quer que haja guerra, existe uma situação como um todo. A situação da guerra como um todo pode abranger o mundo inteiro, pode resumir-se a um único país, ou pode ser relativa a uma única zona de guerrilha ou uma frente de combate. Qualquer situação de guerra que requeira uma análise abrangente dos seus vários aspectos e formas materializa uma situação de guerra como um todo”*<sup>56</sup>.

Esta é assim uma conceitualização que se aproxima bastante da de Chiang Kai-shek, ao efectuar uma divisão ainda que não ostensivamente declarada, entre a grande estratégia, a estratégia nacional, a estratégia militar e a táctica. Para Mao, as relações entre as campanhas e entre os diferentes níveis operacionais eram áreas que mereciam uma atenção cuidada, tendo listado quinze pontos que deveriam ser tidos em consideração pelo comandante ao nível estratégico. A partir da análise inicial do conflito Sino-Japonês feita pelo líder chinês, os quinze pontos agrupavam-

---

<sup>52</sup> Scott A. Boorman; (1969); *The Protracted Game: A Wei-ch'i Interpretation of Maoist Revolutionary Strategy*; Oxford, Oxford University Press; pg. 37.

<sup>53</sup> Como afirmou Mao, “a Guerra Popular deveria romper com os espartilhos da táctica e bater à porta da estratégia”.

<sup>54</sup> Cai Xiaolian; (1971); *The Study of Mao Zedong's Military Thought and the People's Warfare*; Taipei, Shangai Press; pp. 38-40.

<sup>55</sup> Mao Zedong; (1975); *Op. Cit.*; pg. 183.

<sup>56</sup> *Ibidem*.

-se em cinco áreas que considerava como fundamentais para uma decisão relativamente à aplicação das estratégias a adoptar:

- (1) a análise da situação do inimigo;
- (2) a situação das suas forças;
- (3) o espaço;
- (4) o tempo; e
- (5) a natureza da guerra.

A conjugação simbiótica destes parâmetros era levada a cabo na divisão do “campo de batalha estratégico” em batalhas táticas ou fases. A superior qualidade das informações obtidas pelos comunistas permitia-lhes identificar e classificar as principais forças do KMT segundo a sua localização, potencial relativo de combate, e mobilidade, podendo desta forma influenciarem o desenlace tático de uma batalha<sup>57</sup>. A modalidade de acção preferida assentava normalmente na conquista de terreno importante e aniquilação do inimigo com o grosso das suas forças, com o remanescente ou as guerrilhas a terem a missão de impedirem ou retardarem a chegada em tempo dos reforços inimigos.

A escolha do terreno era feita de acordo com o seu valor para o inimigo como itinerário de retirada, ou seja a sua localização como eixo de aproximação para ou de saída de uma área de operações. O objectivo de capturar ou ameaçar a conquista de tal terreno importante era o de forçar o inimigo a tentar recuperá-lo através da sua movimentação, segundo uma direcção de ataque previsível, a partir da qual os comunistas poderiam escolher o local onde decorreria a batalha decisiva (ponto sete dos dez de Mao que mais abaixo se discriminam)<sup>58</sup>. Uma vez iniciada a batalha de aniquilação, as forças inimigas poderiam sempre antecipar o facto de que mesmo que os comunistas lhes oferecessem um itinerário de retirada, este estaria pejado de emboscadas pré-planeadas. A opção era linear, combater até à morte ou render-se e passar para as fileiras comunistas.

---

<sup>57</sup> Os comunistas tiveram alguns espões soviéticos e chineses entre alguns oficiais de Estado-Maior do KMT, os quais foram vitais para o planeamento das operações, quer de retirada estratégica, quer posteriormente de ofensiva estratégica. Os códigos-rádio foram entregues aos comunistas por um espão chinês que seduziu a mulher de um conselheiro militar alemão, Stolzner. Veja-se Jung Chang e Jon Halliday; (2005); *Op. Cit.*; pg. 102. Wu Jiangxiong (Ed); (1995); *Guomindang yaoyuan shenbian de Zhonggong dixiadang* (A Rede Clandestina Comunista no Seio da Elite Nacionalista), 2 volumes; Shenzen, Haitian chubanshe. Literatura e Publicações Biográficas (Ed); (1993); *Zhonggong dixiadang xianxingji* (A Rede Clandestina do PCC Revelada), 2 volumes; Taipé, Zhuanji wenxue chubanshe.

<sup>58</sup> As decisivas Campanhas de Liao-Shen, Huai-Hai e Ping-Jin entre 1948 e 1949, ilustram a colocação em prática destes preceitos táticos.

De uma forma mais sistematizada e ilustrativa, Mao delineou três fases da *Guerra Popular*, assentes no princípio da “Defesa Activa” (*jijifangyu*) o qual foi definido como “a defesa ofensiva, ou a defesa através de combates decisivos, por oposição à defesa passiva (*xiaoji fangyu*)”. Esta conceitualização pressupunha a conquista e preservação da iniciativa, uma vez que só esta poderia conferir ao comandante uma flexibilidade de empregos dos meios militares de que dispunha. Adicionalmente, o recurso a técnicas de decepção (*monlue*) do adversário, poderiam fomentar o aumento dos erros de percepção dos seus comandantes, os quais seriam explorados pelos comunistas para alcançarem ou manterem a iniciativa.

A primeira fase da *Guerra Popular* seria a correspondente à ofensiva estratégica inicial do inimigo. Durante esta fase, o adversário deveria ser capaz de explorar as vantagens inerentes à sua superioridade em material, alcançando vitórias substanciais fruto do recuo das forças comunistas. Estas evitariam o combate desvantajoso, privilegiando a mobilidade e o combate apenas em situações em que lograssem obter uma superioridade local sob as forças inimigas, mas evitando o seu poder de fogo<sup>59</sup>. Mao caracterizava a guerra de guerrilha como uma forma embrionária da guerra móvel, que se apoiava em forças irregulares e num comando descentralizado.

Este “carácter de guerrilha” da estratégia militar chinesa não deveria ser confundido com “guerrilharia”, o qual Mao criticava abertamente pela sua falta de uniformidade, ausência de disciplina, e métodos simples de análise, planeamento e trabalho<sup>60</sup>. Para ele a “guerra regular” deveria ser a essência, enquanto que a guerra de guerrilha era suplementar desta, especialmente durante a primeira e terceiras fases da *Guerra Popular*<sup>61</sup>. Com o evoluir do conflito, a guerra de guerrilha deveria ser uma guerra móvel tendo em consideração dez pontos (os “dez pontos de Mao”):

- (1) atacar primeiro as forças inimigas dispersas e isoladas e só depois as forças que estejam concentradas;
- (2) controlar, primeiro, as áreas rurais e as cidades pequenas e médias e só depois as grandes cidades;
- (3) o objectivo fundamental é aniquilar as forças inimigas, não o de conquistar cidades. Só pelo aniquilamento do inimigo é que se conquistam cidades;

---

<sup>59</sup> Mao Zedong; (1975); *Op. Cit.*; pg. 137 e pg. 241.

<sup>60</sup> *Idem*; pg. 141.

<sup>61</sup> *Idem*; pg. 159.

- (4) empregar a superioridade numérica (duas, três, quatro ou mesmo seis vezes superior) para cercar e aniquilar o inimigo. Em circunstâncias específicas, concentrar as forças num ataque frontal e sobre um ou os dois flancos, de forma a romper uma das frentes que permita aniquilar o remanescente do inimigo. Evitar batalhas de atrito devido à inferioridade numérica inicial;
- (5) não combater sem estar devidamente preparado e sem ter a certeza de que se possa vencer;
- (6) não temer qualquer sacrifício. A coragem, aliada ao não receio do cansaço, permite efectuar sem pausas, batalhas sucessivas durante um curto período de tempo;
- (7) utilizar operações móveis para derrotar o inimigo, sem menosprezar o valor da guerra posicional na captura de cidades;
- (8) conquistar as cidades mal defendidas e assegurar condições para a conquista daquelas que estejam moderadamente defendidas;
- (9) usar armas e tropas capturadas ao inimigo. A principal fonte de tropas e material situa-se na frente de combate; e
- (10) utilizar os intervalos entre as campanhas e os combates para descansar, reagrupar e treinar. Estes não devem ser muito prolongados e o inimigo não deve estar perto de forma a dar-nos liberdade de acção.

Destes dez pontos, pode-se dizer que quatro são adaptações concretas dos preceitos de Sun Zi. O primeiro centra-se na necessidade de evitar os pontos fortes do inimigo atacando os seus pontos fracos. O segundo é ilustrado pela importância da substituição das forças no campo de batalha por elementos inimigos que se tenham rendido. O terceiro é demonstrado pelo cerco progressivo das cidades feito a partir das áreas rurais, que Lin Biao transformaria numa espécie *weltanschauung* revolucionária em meados da década de sessenta, ao efectuar um paralelismo entre as grandes cidades e os Estados Unidos, e as áreas rurais e os países em vias de desenvolvimento situados em África, na Ásia e na América Latina <sup>62</sup>. O aperto deste cerco não deveria

---

<sup>62</sup> No entanto foram Liu Shaoqi e Lin Biao que defenderam a estratégia de “eliminar o inimigo, abdicando da defesa das cidades” em prol da construção de bases de apoio no interior. Inicialmente, Mao era um advogado de defesa a todo o custo das cidades ocupadas pelos comunistas. Jung Chang e Jon Halliday; (2005); *Op. Cit.*; pg. 302. Esta *weltanschauung* foi materializada no pequeno *Livro Vermelho* lançado por Lin Biao em 1967, o qual seria uma compilação cuidadosa de um conjunto de citações de Mao Zedong, interpoladas pelo próprio Lin de forma a servir a política externa chinesa de confronto contra a ideologia e tecnologia americana, e de validação da Revolução Cultural iniciada em 1966. A dimensão quase bíblica do livro não faz justiça à essência do pensamento militar de Mao, uma vez que não refere a importância de se efectuarem análises estratégicas correctas, algo que o próprio havia enfatizado na década de trinta.

ser guiado por uma doutrina de retaliação massiva, mas por uma teoria de dissuasão gradual, típica do *wei qi*. Esta noção seria aplicada nos conflitos da Coreia, com Taiwan, com a Índia e com o Vietname, como veremos mais adiante.

O último ponto centra-se na superioridade numérica cuja importância se tornava relevante, devido à inferioridade tecnológica em termos de armamento e equipamento que as forças revolucionárias tinham face às tropas nacionalistas, sendo o único meio de obter a vitória. A superioridade numérica era para ser explorada tacticamente, porque estrategicamente reinava a dispersão das forças de guerrilha. Assim o seu desprezo estratégico pelo inimigo é apenas aparente e tem uma conotação específica no que concerne à classe governativa deste, que Mao classificava como reaccionária (um “tigre de papel”, que deixava de o ser no plano táctico).

Não deixa também de ser relevante notar a preocupação de Mao em distender as acções de guerrilha do plano táctico para o campo mais complexo das campanhas militares e da grande estratégia, a qual produziu perspectivas sobre a guerra simultaneamente brilhantes, contraditórias, e erráticas. O seu objectivo era o de descobrir os “princípios” que pudessem reconciliar os militares profissionais com a sua dialéctica militar, passível de ser aplicada tanto por forças de guerrilha como por forças regulares.

A sua “elevação da guerra de guerrilha ao plano estratégico” passou por acentuar a concentração do poder de fogo, da ofensiva táctica, e, em deferência para com os militares profissionais, o objectivo da regularização das forças. A mobilidade das forças – essenciais para a guerrilha – deveria ser empregue e maximizada pelas forças regulares, de forma a obter e concentrar um maior número de forças sobre um ponto decisivo (que não objectivo decisivo) aquando de uma determinada batalha.

É importante notar nas formulações de Mao a ausência daquilo a que se designa de objectivo decisivo (*schwerpunkte*). Na conquista de território, este era visto de uma forma homogénea, daí a condução de batalhas de aniquilação do inimigo, as quais se bem sucedidas trariam por si o controlo de áreas importantes (cidades, nós de caminhos-de-ferro, portos, etc.) e a conquista de objectivos decisivos.

A segunda fase seria marcada pelo empate estratégico e constituía a transição para a *Guerra Popular* propriamente dita. De forma a consolidar as conquistas anteriores, o adversário teria de distender as suas linhas de comunicação e abastecimento, o que implicaria a segurança das mesmas e uma menor capacidade de mobilização de meios humanos e materiais para novas ofensivas. Nesta fase, as forças comunistas continuariam com a sua guerra de guerrilha nas áreas ocupadas pelo adversário de forma a impedir a sua consolidação. No entanto, a tarefa mais

importante seria a da mobilização (normalmente coerciva) do maior número possível de cidadãos (camponeses) de forma a sustentar e exponenciar as capacidades de combate face ao inimigo<sup>63</sup>.

Assim, o enorme potencial das massas populares permitia-lhe que estas fossem empregues, tanto para o bem como para o mal, tanto na arena da política interna, como na estratégia militar para fazer frente a um inimigo externo. A criação de uma base em redor de um núcleo populacional de indefectíveis apoiantes e numa localização geográfica favorável e ampla (como em Yanan), marcaria o ponto de não retorno estratégico, o núcleo-duro a partir do qual seriam conduzidos os contra-ataques.

Uma tal contracção do PCC seria o resultado da contracção da frente de combate. Ainda que este preceito não seja diferente de uma defesa em perímetro de 360 graus, familiar para qualquer militar, a contradição com a aversão Maoísta das linhas fixas de combate podia ser ultrapassada em termos de uma dicotomia entre aquilo que era uma campanha estratégica e tática, e a respectiva composição e articulação de forças e conduta destas a nível operacional. A contracção de linhas táticas fluidas ao nível do teatro de operações emergia assim, como uma visão Maoísta de defesa.

No entanto, o “Grande Timoneiro” rejeitava qualquer esforço tendente a montar uma defesa em torno da área da base. Para tal procurou diferenciar as “áreas de base” das “zonas de guerrilha”. As primeiras eram enclaves na “retaguarda da linha da frente” sob firme controlo de forças regulares ou da guerrilha, enquanto que as segundas eram ocupadas esporadicamente, conforme os avanços e recuos do inimigo. O objectivo das operações era o de converter as zonas de guerrilha em áreas de base. As forças regulares operariam em linhas interiores e as de guerrilha em linhas exteriores para reduzirem progressivamente a influência do inimigo sobre as zonas de guerrilha, aproveitando as brechas no dispositivo territorial das suas forças para expandir para aí o controlo comunista.

Segundo este racional, Mao preferia sacrificar algumas das suas unidades dispersas ao longo da enorme área da base, em prol do lançamento de contra-ataques capazes de afastarem a atenção do inimigo da base em si, concentrando forças nas zonas de guerrilha. Tais contra-ataques culminariam com uma “batalha decisiva” que teria por base uma vitória tática inicial. A sistematização do sucesso destes contra-ataques permitiria às forças comunistas entrarem na terceira fase.

<sup>63</sup> Mao Zedong; (1975); *Op. Cit.*, Vol. II; pp. 138-139 e pg. 154. Aqui Mao não foi inovador, pois em finais do século XIX, Cheng Guofan, responsável pela supressão da revolta de Taiping, afirmou que a marca de um grande General não era tanto o seu sucesso no campo de batalha, mas a sua capacidade em mobilizar recursos civis locais em apoio da manobra militar.

Esta corresponderia à contra-ofensiva estratégica das forças chinesas e destinada a recuperar o território perdido e a expulsar o inimigo aniquilando-o, se possível. A guerra móvel seria fundamental, se bem que a guerra de posição teria um papel suplementar na consolidação das áreas reconquistadas. Subjacente a esta lógica espaço-temporal encontrava-se uma estratégia bífida. Por um lado, a necessidade de uma defesa móvel de modo a evitar o maior potencial das forças invasoras durante a fase inicial da sua ofensiva, e procurar obter – sempre que possível – uma “superioridade local” sobre o avanço do inimigo<sup>64</sup>.

Pode-se afirmar que a primeira fase correspondeu ao período entre Janeiro de 1946 e Fevereiro de 1947 da Guerra Civil, quando o EPL após ter sustido as ofensivas do KMT, passou a ter a iniciativa em algumas frentes, alargando a sua área de operações até zonas sob o controlo do KMT. O empate estratégico durou seis meses, pois Mao Zedong lançou a contra-ofensiva em Setembro de 1947, que culminaria na derrota das tropas nacionalistas numa série de batalhas decisivas entre finais de 1948 e início de 1949.

---

<sup>64</sup> A sistematização do princípio de “Defesa Activa” efectuou-se na década de cinquenta, graças ao General Peng Dehuai, então Ministro da Defesa, tendo evoluído de uma aplicação numa doutrina continental terrestre, para uma direccionada para a periferia da China e actualmente com ênfase em sistemas navais, aéreos e espaciais.